

O PADRÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DO PRONOME REFLEXIVO SE NA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA DO PORTUGUÊS DO BRASIL.

M^a ELIZABETH AFFONSO CHRISTIANO
(Universidade Federal da Paraíba- Brasil)

Os verbos que aparecem na forma pronominal nas gramáticas normativas do português não apresentam, a primeira vista, qualquer problema de interpretação; eles podem ser essencialmente ou acidentalmente pronominais. Este tipo de bipartição, um tanto quanto simplista, a meu ver, causa alguns problemas de análise, fato que pretendo apresentar neste trabalho.

Partindo dos conceitos e das classificações presentes em nossas gramáticas, minha análise estender-se-á às diversas ocorrências no discurso oral e escrito. Os dados do discurso oral constituem uma amostragem de sentenças extraídas do português falado na cidade de João Pessoa (capital do estado da Paraíba, situada no nordeste do Brasil). No discurso escrito são analisados textos extraídos de dois jornais de maior circulação da cidade (O NORTE e O CORREIO DA PARAÍBA).

É preciso que fique bem claro que o estudo da língua portuguesa, orientado por modelos que privilegiam a análise gramatical, precisa ser sempre incentivado porque ele representa a mola propulsora para todo e qualquer tipo de investigação lingüística. Afinal, não se pode conceber um estudo lingüístico sem antes se ter o conhecimento prévio da gramática.

Por outro lado, não podemos ignorar a importância da língua em situação de uso, principalmente no discurso oral. A influência da oralidade sobre a língua escrita está presente em vários níveis, notadamente nos níveis sintático e semântico, exigindo daqueles que se preocupam com o ensino da gramática uma reflexão mais aprofundada que extrapole o posicionamento dogmático ainda muito presente nos livros didáticos.

Pensando nisso, optei por desenvolver meu trabalho alicerçado no tripé - **gramática, discurso e texto** - tendo como objeto de investigação as estruturas

reflexivas em português exemplificadas em algumas gramáticas normativas e, a partir daí, estabelecer uma comparação com os exemplos extraídos do corpus.

Para iniciar minha tarefa, tomo como elemento central o verbo, cujas características estão aqui estabelecidas em consonância com o pensamento de Tesnière (1965) e de Chafe (1979).

Pela valência verbal, definida por Tesnière, é possível observar e determinar o comportamento do verbo no âmbito da frase. O número de casas vazias (ou argumentos) que um verbo pode reger é que constituirá sua valência podendo ter uma variação de 0 a 4 lugares a serem preenchidos por itens lexicais (actantes) que funcionam ou como sujeito ou como complemento. Assim um verbo pode ser *avalente (Vo)*, *monovalente (V1)*, *bivalente (V2)*, *trivalente (V3)* e *tetraivalente (V4)*.

Pela classificação sintático-semântica dos verbos estabelecida por Chafe, podemos destacar os verbos de *ação*, de *processo*, de *ação-processo* e de *estado*; os itens léxicos que acompanham esses verbos recebem o nome de casos, termo introduzido por Fillmore (1968). O número de casos, ligados aos verbos, é bastante variado. No entanto, para o presente trabalho, serão necessários apenas aqueles que representam os actantes na estrutura reflexiva, a saber: *agente (A)*, *causativo (C)*, *experienciador (E)*, *beneficiário (B)*, *receptivo (R)*, *objetivo (O)*, *paciente (P)* e *locativo (L)*.

Assim, de acordo com o tipo de relação semântica que se estabelece entre o participante central, representado pelo verbo e os demais participantes, representados pelos nomes recobertos de funções casuais, distribuimos os chamados verbos pronominais ou reflexivos em nove grupos segundo suas valências e propriedades sintático-semânticas para, a partir de então, analisá-los no discurso oral e escrito.

Grupo 1 - Fazem parte desse grupo os verbos experienciais de processo, derivados de ação-processo: *abalar-se*, *afligir-se*, *atormentar-se*, *comover-se*, *entristecer-se*, *intimidar-se*, *irritar-se*, *preocupar-se*, *revoltar-se*, etc.

Numa estrutura do tipo:

1. Lucas alegrou-se / ofendeu-se / zangou-se...

o nome Lucas está numa relação de acontecer com esses verbos, ou seja, é um experienciador do processo verbal (*o que aconteceu a Lucas foi que ele se alegrou, se ofendeu, se zangou, etc.*).

Sabemos que a reflexivização é um mecanismo de que a língua se dispõe para estruturar sentenças em cuja base ou estrutura profunda há dois nomes correferenciais representados na fórmula SN1 + V + SN1 = estrutura reflexiva onde se entende que os lexemas idênticos (SN1) se reportam ao mesmo

referente.

Os verbos do grupo 1, representados no exemplo acima, não se enquadram na regra de reflexivização; o marcador *se*, sem um representante de base, é apenas um pseudo-reflexivo; as estruturas com esse tipo de pronome possuem, na verdade, um elemento causativo recessivo (alguém ou algo *alegrou /ofendeu /zangou Lucas*).

Na forma pronominal, esses verbos são experienciais de processo, (V1) com função casual E, sendo o pronome um pseudo-reflexivo.

Grupo 2 - Os verbos desse grupo são de natureza declarativa, indicam ação e possuem três funções distintas: *falante* (agente) *ouvinte* (receptivo) e *assunto* (objetivo). De acordo com os elementos que constituem os seus traços estruturais, existem dois subgrupos para esses verbos.

Consideremos as estruturas exemplificadas abaixo:

2. a) *A professora queixou-se dos alunos.*
- *b) *A professora nos queixou.*
- c) *A professora queixa-se de que todos falam dela.*
- d) *A professora vive se queixando.*
- e) *A professora censurou (repreendeu) os alunos.*
- f) *A professora nos censurou diante de todos.*
- g) *A professora censura-se frequentemente.*

Podemos observar que 2b. é agramatical, embora seja, do ponto de vista sintático, semelhante a 2f. Acontece que *queixar-se* é um verbo que, quando usado transitivamente, pode ter um complemento de causa precedido de preposição como em 2a., um complemento expresso por uma sentença encaixada, exemplificada em 2c., ou ainda, pode ser usado intransitivamente como em 2d.

O verbo *censurar*, por outro lado, aparece em estruturas simples transitivas com complemento expresso por um nome animado (2e.) ou por um pronome (2f.) e (2g.).

Dentre os verbos do primeiro subgrupo, que seguem o padrão sintático-semântico de *queixar-se*, podemos apontar outros na língua portuguesa; *expressar-se*, *gabar-se*, *jactar-se*, *lamentar-se*, *lastimar-se*, *vangloriar-se*, etc.

No outro subgrupo, representado por *censurar/censurar-se*, temos: *condenar-se*, *confessar-se*, *culpar-se*, *reprovar-se*, *questionar-se*, etc.

Além de possuírem um *receptivo* na estrutura de base, os verbos desse tipo, exemplificados nos dois subgrupos, indicam uma ação pontual ou momentânea que afeta o nome, mas não apresenta efeito duradouro no afetado, impossibilitando também a derivação resultativa (**O réu ficou censurado/*

questionado queixado...).

Os dois subgrupos, então, apresentam as seguintes características: no 1º subgrupo o verbo é receptivo de ação, (V1), função casual A e o pronome é um pseudo-reflexivo. No 2º subgrupo o verbo é receptivo de ação-processo, com funções casuais A e P (sendo A e P correferenciais, A=P) e o pronome é correferencial e reflexivo.

Grupo 3 - Os verbos sintática e semanticamente equivalentes que pertencem a este grupo são: *balançar-se, barbear-se, depilar-se, matar-se, pentear-se, pintar-se, vestir-se, etc.* As estruturas construídas com tais verbos são reflexivas, ou seja, o pronome *se* tem valor reflexivo e os respectivos verbos não perdem seu valor bivalente porque sempre haverá um agente e um nome afetado (o próprio agente) pela ação tanto na estrutura de base, como na estrutura de superfície, obedecendo, portanto, a regra de reflexivização. Cf.:

3. *Tracema banhou-se nas águas do rio.*

Os verbos deste grupo são de ação-processo, (V2), funções casuais A e P (A=P) e o pronome é correferencial e reflexivo.

Grupo 4 - Fazem parte deste grupo os seguintes verbos: *ajoelhar-se, calar-se, deitar-se, levantar-se sentar-se, etc.* Consideremos os exemplos:

4. a. *A criança ajoelhou.*
b. *A criança ajoelhou-se.*

Podemos notar que o verbo *ajoelhar* pode ter um pronome *se* facultativo. O mesmo não acontece, como vimos acima, com os verbos do grupo 3. Apesar da aparente semelhança entre *lavar-se* e *ajoelhar-se*, por exemplo, este último apresenta algumas especificações sintático-semânticas diferentes.

As estruturas especificadas em 4 são construídas com verbos intrinsecamente de ação-processo; os verbos deste são de ação, (V1), com função casual A, sendo o pronome reflexivo facultativo.

Grupo 5 - Os verbos que pertencem a este grupo estão sempre acompanhados de um nome com o qual eles mantêm uma relação de lugar. São eles: *afastar-se, aproximar-se, atirar-se, deslocar-se, dirigir-se, encaminhar-se, lançar-se, locomover-se, etc.*, isto é, o caso locativo, exerce influência na subcategorização verbal como em (5a). Já em (5b), o sintagma nominal *no mar* não faz parte da valência semântica do verbo:

5. a) *Os pescadores lançaram-se no mar.*
b) *Os pescadores banharam-se (no mar).*

Para este grupo, o verbo é locativo de ação - processo, (V3), com funções casuais A,P,L, sendo A=P e pronome é correferencial e reflexivo.

Grupo 6 - Neste grupos estão os verbos que semanticamente traduzem uma opinião ou julgamento, tais como: *achar-se, acreditar-se, considerar-se, dizer-se, imaginar-se, julgar-se, presumir-se, supor-se, etc.*

Consideremos os exemplos:

6. *Carla achou a criança muito magra.*
7. *Daniel se acha muito magro.*

O verbo da estrutura (6) se assemelha, semanticamente, ao verbo da estrutura (7), isto é, em (6) devemos entender que uma criança foi examinada por *Carla* e esta a considerou magra (neste caso, *magra* corresponde ao julgamento de *Carla* sobre o estado da criança). Em (7), o verbo *achar*, na forma pronominal, seguido de um nome atributivo, traduz uma apreciação que o sujeito faz de si mesmo. O verbo *achar* e os demais deste grupo têm duas estruturas: uma de ação-processo (matriz) com um *agente* e outra de estado (encaixada) com um nome afetado pela ação, ou seja, um *objetivo*.

Os verbos que pertencem ao grupo 6 são de ação-processo, (V2), funções casuais A e P, sendo A=P com pronome correferencial e reflexivo na estrutura matriz e sujeito na estrutura encaixada.

Grupo 7 - Verbos do tipo *arrogar-se, atribuir-se, conceder-se, consentir-se, permitir-se, reservar-se, etc.* indicam uma ação com um complemento correspondente ao caso beneficiário que pode ser correferencial ao sujeito agente, como exemplificado abaixo:

8. *Ele se arroga o direito de intervir.*

Mas os verbos benefactivos de ação são derivados de ação-processo, pois não há benefactivos que correspondam a simples ações. Na forma pronominal, o beneficiário pode estar parcialmente encoberto pela regra de apagamento do termo correferencial como em (9):

9. *O Brasil arroga a liderança da América Latina(para si).*

Os verbos deste grupo são benefactivos de ação-processo, (V3), funções

casuais A, B e O, sendo A=B e o pronome é correferencial e reflexivo.

Grupo 8 - Há um pequeno grupo de verbos em português que não é apresentado com clareza nas gramáticas normativas. São eles: *atrever-se*, *aventurar-se*, *empenhar-se*, *esforçar-se*, etc.

As breves considerações feitas sobre esse assunto mostram apenas que esses verbos são essencialmente pronominais: são citados como exemplos verbos do tipo *arrepender-se*, *indignar-se*, *queixar-se*, etc.

Vimos acima que esses verbos, apesar de sintaticamente equivalentes, são, do ponto de vista semântico, diferentes. Os verbos do grupo 8, como exemplificado abaixo, indicam uma ação, (V1), aparecem em estruturas encaixadas, com função casual A e com pronome pseudo-reflexivo.

10. Paulinho atreveu-se a dizer uns palavrões.

Grupo 9 - Este grupo reservamos para os verbos que traduzem reciprocidade. As construções com o pronome *se* podem ter valor recíproco; é um uso bem definido em sua significação e em sua função, mas nem tanto na forma, que coincide com tipos de construção reflexiva. Numa estrutura como *Maria e Carla se admiram*, podemos analisá-la como sendo *reflexiva* ou *recíproca*, dependendo do contexto.

O processo recíproco, na verdade, exige que dois ou mais sujeitos permutem uma mesma ação. Do ponto de vista semântico, o pronome *se* acumula as funções de *agente e paciente*.

Essas considerações nos levam a dispensar uma lista de verbos recíprocos, pois, a princípio, muitos dos verbos analisados nos grupos anteriores podem ter valor recíproco. Na reciprocidade, esses verbos são de ação-processo, (V2), com funções casuais A e P com pronome recíproco e reflexivo.

Além dos verbos relacionados acima, analisamos, à parte, o verbo *suicidar-se* por entendermos que ele apresenta características bem específicas. É um verbo que aparece em estruturas bivalentes, com uma correferencialidade intrínseca onde a presença do traço /+ humano/ se faz obrigatório. *Suicidar-se* é um verbo de ação-processo intrínseco, (V2), com funções casuais A e P, sendo A=P e com pronome correferencial e reflexivo.

Pode-se dizer que a classificação das estruturas reflexivas do português, acima proposta, pode ser aplicada tanto para a linguagem oral (LO) quanto para o discurso jornalístico (DJ). No entanto, se faz necessário tecer alguns comentários.

Das entrevistas extraídas do corpus armazenado no Projeto Variação Lingüística do Estado da Paraíba (VALPB), foram analisados os discursos de 20 informantes, sem, no entanto, se priorizar o perfil social do falante, pois esse aspecto não interfere no tipo de análise aqui proposta. Para os exemplos

extraídos dos jornais optei por selecionar as páginas policiais e políticas referentes aos meses de março, abril e maio de 1999.

Vejamos, agora, alguns fragmentos que ilustram o usos do pronome *se* nas duas modalidades:

- a. *É horrível, as coisa se estraga, num pode comprar muita coisa...* (LO)
- b. *A madeira da máquina se lascou. Leva muita água e acaba assim..* (LO).

A primeira vista, parece que estamos lidando com verbos reflexivos. No entanto, eles possuem uma classificação semelhante aos do grupo 1; o pronome é um pseudo-reflexivo mas com um elemento afetado não animado representado pelo caso Objetivo. O tipo verbal é de processo, derivado de ação-processo.

No grupo 3, onde estão os verbos com o mesmo padrão de *barbear-se*, encontramos, além das ocorrências normais, exemplos com verbos do tipo *ajudar-se* e *virar-se*.

- a. *A situação tá difícil...muito mal você se ajuda.* (mal se sustenta) (LO)
- d. *Os jornalistas tiram os deputados do plenário para serem entrevistados e aí o orador que se vire.* (que resolva a situação) (DJ)

Já exemplos do tipo,

- e. *Esse meu amigo se aposentou da polícia..* (LO)
- f. *Ela se casou muito cedo e agora tá cheia de filhos...*(LO)

podem ser inseridos no grupo 4, juntamente com *ajoelhar-se* e outros que têm a possibilidade de omitir o pronome. Nos vários exemplos analisados o pronome reflexivo *se* mantém. (É comum, ainda, encontrarmos uma estrutura pronominal pleonástica do tipo *ele se aposentou-se*).

Vejamos agora os exemplos que seguem:

- g. *Eu acho que aqui é o seguinte, quer dizer no meu ponto de vista que quando a gente nasce e se cria num lugar, não quer sair mais né?* (LO)
- h. *Tinha gente demais. O cortejo demorou umas três horas. Quando D. Helder veio se enterrar já eram oito horas da noite.* (LO)
- i. *Quando ele foi se opera, a mulher dele ficou muito nervosa...* (LO)
- j. *Eu telefonei e ela não estava em casa. Depois fiquei sabendo que ela se hospitalizou.* (LO)

A presença do pronome *se*, nos exemplos acima, revela uma aparente reflexivização. Na verdade, essas estruturas são passivas, já que semanticamente os verbos devam ser interpretados respectivamente como: *é criado, foi enterrado, foi operado e foi hospitalizado*.

Na modalidade discursiva, os exemplos dos jornais seleccionados, de um modo geral, não apresentam novidades. No entanto, foram detectados alguns erros de concordância e de colocação pronominal em locuções verbais, como podemos notar nas estruturas abaixo:

- l. *Segundo a delegada, os três menores que **encontra-se** recolhidos na unidade de recuperação queriam permissão para fumar: por não terem a reivindicação atendida, eles resolveram se rebelar.*
- m. *A deputada Zarinha Leite apresentou votos de felicitações pelos 136 anos de emancipação política de Cajazeiras e finaliza seu discurso afirmando que os municípios **precisam-se adequar** a vida moderna.*

Em (l) o verbo *encontrar-se* nada tem a ver com a reflexividade. Mas a questão não é essa. Se alguns jornalistas optassem pelo significado correspondente, *estar em*, talvez erros tão grotescos pudessem ser evitados. Já em (m), a utilização do hífen deixa claro que o pronome *se* é usado de forma intuitiva, podendo ser confundido com o pronome *se* da passiva sintética. É por essa razão, talvez, que encontramos alguns cartazes por aí com dizeres do tipo. *Vende-se árvores, costura-se roupas, etc.*

A forma como as estruturas reflexivas são apresentadas em nossas gramáticas deve ser repensada, principalmente no tocante à escolha de exemplos. Algumas vezes, é verdade, precisamos recorrer a frases pré-fabricadas com o objetivo de elaborar uma classificação sintático-semântica que possa auxiliar tanto o professor quanto o aluno a entender melhor a estrutura de sua própria língua. Afinal, é partir dela que se inicia a construção de um texto.

Mas, esse é apenas o ponto de partida de uma longa jornada. A língua é um fator social e como tal deve ser tratada e estudada. No caso específico dos pronomes reflexivos (*e, acredito eu, em* quase todos os assuntos gramaticais), existem centenas de exemplos, nas várias modalidades da língua, que passam longe de nossas gramáticas. Basta citar uma frase extraída do jornal: *O governo **se descomprometeu** com a população* (O NORTE, 25 de abril). Ora, no capítulo referente à reciprocidade e à voz reflexiva, podemos facilmente encontrar o verbo *comprometer-se*, mas não *descomprometer-se*. O uso do prefixo *des* é um tanto quanto comprometedor...

As conclusões tiradas a partir de uma investigação dessa natureza me levam

a crer que as gramáticas normativas, hoje também conhecidas pelo codinome 'gramáticas ilustradas', deveriam colocar a semântica no mesmo nível da sintaxe para, a partir daí, chegarmos a uma gramática relacional que dê conta não só do registro formal, como também das inúmeras ocorrências pragmáticas da interlocução.

Bibliografia

- ARRAIS, Telmo Correia(1983). "Aspectos da significação da frase: relações e funções semânticas". Em *Alfa*,43, págs.77-92.
- BECHARA, Evanildo (1980). *Moderna gramática da língua portuguesa*. São Paulo, Nacional.
- BORBA, Francisco da Silva (org.) (1990). *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo, Edunesp.
- _____ (1996). *Uma gramática de valências para o português*, São Paulo, Ática.
- CEGALA, Domingos Pascoal(1980). *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo, Nacional.
- CHAFE, Wallace (1979). *Significado e estrutura lingüística*. Rio de Janeiro. Livros Técnicos e Científicos.
- CHRISTIANO, Maria Elizabeth Affonso (1991). *As estruturas reflexivas em português e o seu tratamento na gramática dos casos profundos*. São Paulo (tese de doutorado).
- FILMORE, Charles (1968). "The case for case". Em: *Universals in linguistic theory*, págs.1-88.
- TESNIÈRE, Lucien (1965). *Éléments de syntaxe structurale*, Paris, Klincksieck.